

identidade!

Um boletim do grupo d@s negr@s da EST da IECLB com apoio da Federação Luterana Mundial
Vol. 1 num. 2 & 3, Outubro - Dezembro 2000

A QUESTÃO DO PRECONCEITO RACIAL

Pr. Tomás Ndawanapo

Existe, no seio da população branca e negra, preconceito racial?

O autor deste artigo passou quatro anos e meio numa comunidade de maioria branca. Desde os primeiros dias de sua inserção na mesma comunidade pessoas, brancas e negras – como que surpreendidas -, perguntavam curiosas, como nosso autor era tratado e se sentia no seio de uma comunidade tal. Para alguns era algo inusitado e, para outros, certamente, significava que os tempos haviam mudado. Como um/a negro/a pode dividir o espaço com brancos?

Tais perguntas não deixaram de surpreender. Nosso autor, habituado a conviver com minoria branca, sem preocupações que constatou nos seus interrogantes, admirou as mesmas intercepções! No entanto, observa-se que isso faz parte de outra cultura. Onde o branco é sempre considerado o melhor, gente e chefe da sociedade. E o negro é colocado – quando ele próprio não se coloca nessa posição – em último lugar (?).

Sim, constata-se neste continente – pelo menos neste país – uma resistência subversiva do preconceito racial entre o ser humano de cor branca e negra, tal

que, a nosso ponto de vista cristão, não tem sentido de ser. O preconceito racial é uma ofensa e repúdio à criação de Deus. Não se pretende, aqui, fazer julgamentos incisivos contra esta ou aquela raça das duas mencionadas. Pretende-se apontar o que identificamos durante a nossa estadia aqui.

A população das três Américas, na sua maioria, é constituída por imigrantes (usa-se o termo *imigrante* traduzindo alguém que deixa o seu país natal para viver definitivamente em outro). O processo de emigração, das duas raças, do continente de origem para a América está condicionado a circunstâncias próprias de cada uma delas. Embora com exceções (em relação à raça branca), na base da

pg. 2 cl.1

Sabores Internacionais

Com esta *identidade!* celebramos um sabor global e ecumênico. As contribuições de nosso Pastor Angolano, Tomás Ndawanapo (que passou quatro anos entre nós) e José Alencar Lhulhier Jr. mostram os laços afros da IECLB e a diversidade de opiniões sobre o que é ser negro no mundo atual. Também encontramos as reflexões da Lurdilene daSilva sobre sua participação no VIII Encontro Pastoral Afro. Nas páginas 6-11 são apresentadas as primeiras partes de duas séries de artigos sobre hermenêutica negra e luterana pelo finalista Günter Bayerl Padilha e Professor Dr. Peter T. Nash

imigração dos africanos e europeus para América está a escravatura. Dos africanos que vieram para cá, alguns eram escravos, já na África, que foram vendidos por seus senhores africanos aos mercados europeus. Posto aqui, continuaram sendo escravos. O que é pouco dito, é que os europeus que imigraram para cá eram escravos e receberam alforria na Europa. Aqui eles receberam terras e tornaram-se senhores de si próprios. Assim, a população negra na América (usa-se América como um continente único), pelo fato de passar por esse constrangimento da escravidão contínua, estando sempre a margem (na sanzala ou favela) – não toda -, não se vê em condições de compartilhar espaço com brancos, muito menos (alguns) os brancos se abrem para conviver com negros. A cor branca tornou-se, então, superior à negra. Ato contínuo, como aqui a lavadeira, diga-se, a doméstica é normalmente a negra, para certos brancos/as não é possível um/a negro/a viver entre aqueles/as não sendo subalterno.

Observamos o seguinte: apesar de os negros lutarem pelo seu espaço, há indício de mentalização de auto-preconceito discriminatório. Suspeita-se que, mesmo não sendo discriminados, alguns negros acham que estão passando por isso ou, por outro lado, consideram (pelo facto da sua cor) não ter lugar entre os brancos. Só desta maneira teriam sentidos perguntas como as que foram citadas acima. Por isso, ser negro/a – no Brasil – ou dizer para alguém “*aquele negro*” é constranger, aliás, depreciar, senão ofender! Diz-se moreno! Aprendeu-se, então, que aqui negro é sinónimo de indecoroso, de

pobreza. Todo pobre, seja branco ou negro, é negro! Antigamente só havia o branco, senhor do engenho, e o negro, escravo. Hoje como há também negros que ascenderam economicamente e brancos empobrecidos, verifica-se mescla de papéis. Branco e negro ricos são tidos como “Branços”. Branco e negro pobres são tidos como “Negros”. Não é mais a cor que dita a raça, antes, é a condição social que o faz. A título de exemplo, tivemos a sorte de ouvir da boca de um dos professores da EST-IECLB, que Pelé (Edson Arante do Nascimento, o maior atleta do século) não é negro! Talvez tenha ele - este professor - brincado, mas falou: Negro não pode superar o branco! Só um branco poderia ser “o Pelé”.

Durante os quatro anos de nossa estadia entre a comunidade supramencionada, jamais sentimos ser discriminados, muito menos tivemos complexo de inferioridade por causa da cor da nossa pele. Fomos acolhidos em lares de brancos e de negros e sentimos que temos o mesmo Criador e Salvador que aceita a diversidade racial. Sentimos que somos iguais. Nenhuma cor da pele humana é mais bonita ou mais feia que a outra. Quem acha ser melhor que os outros, por causa da sua cor da pele não deixa de ser orgulhosa/o e, conseqüentemente, de pecar. Mesmo que isso seja próprio da natureza humana.

Negritude não é sinónimo de desgraça, também não é brancura sinónimo de felicidade, nem vice-versa.

O preconceito racial existe sim, como condição histórica entre brancos e negros nas Américas – assim como em outros continentes — mas também como

subjetivismo humano. Por isso se questiona como se sente um branco ou negro na comunidade oposta à sua cor da pele. Nenhuma das raças, porém, está condicionada originalmente ao sofrimento ou ao bem estar. Ninguém deveria sentir-se amparado ou desamparado por causa da sua cor de pele, antes pelo contrário, são as pessoas e o pecado que contribuem para a discriminação racial. Os seguidores de Jesus Cristo são convocados a cerrear barreiras contra a discriminação racial tendo em conta o preconceito que a gera.

POVO AFRO-BRASILEIRO, POVO TEUTO-BRASILEIRO E IECLB:

esperança de reconciliação
José Alencar Lhulhier Jr.

No século XVI, com a colonização portuguesa, começam a chegar ao Brasil escravos/as negros/as trazidos/as do continente africano. Já no século XIX, começam a chegar ao Brasil imigrantes de origem alemã. E no século XX, alguns dos Sínodos Luteranos existentes no Brasil unem-se para formar a IECLB.

A IECLB possui uma tradição intrinsecamente arraigada em suas raízes germânicas. E, durante este anos de sua existência, tem sido um local de preservação desta cultura. Mas, a realidade brasileira no século XX, com o êxodo rural e a crise econômica que assola o país, torna nossa Igreja cada vez mais urbana e impossibilita que ela continue fechada como um “gueto” da cultura teuto-brasileira.

Nos últimos anos, a Direção da IECLB tem dedicado uma grande atenção a este assunto, e o tema da Igreja para 97/98 “Aqui você tem lugar” e o atual “Um milênio sem exclusões” são provas deste empenho. A PPL, através de seus vários grupos, também tem dado uma grande colaboração em termos da abertura desta Igreja às pessoas de origem afro-brasileira. E o Movimento Encontrão através do projeto “Missão Zero”, tem ampliado a abrangência da IECLB, constituindo comunidades em locais onde não colonização germânica, nos quais, a predominância é de pessoas afro-brasileiras.

Mas, há ainda a necessidade de uma **reconciliação** entre as culturas aqui em questão na IECLB. À primeira vista o termo “reconciliação” refere-se ao “reestabelecimento” de uma relação amigável, a qual teria existido no passado, mas este é somente um de seus significados. Se olharmos para um país como a África do Sul, que tem a sua história marcada pela segregação racial institucionalizada pelo *apartheid* e possui, desde 1994, um governo democrático e uma nova Constituição, não há uma saudável relação com o passado. Há, portanto, a necessidade de se iniciar uma neste presente momento.

Este é o mesmo caso da IECLB, onde, no passado, o isolamento desta Igreja a separava do contato com afro-brasileiros/as, o qual agora é inevitável. Portanto há, atualmente, a necessidade de um processo de reconciliação de abrangência em todos os setores da Igreja, necessitando do engajamento de toda a liderança e membros.